

A Confederação Geral do Trabalho perante a questão dos tabacos

O Conselho Confederal apreciou e aprovou, na sua reunião de ontem, o parecer que a seguir publicamos na íntegra:

A Confederação Geral do Trabalho, chamada pelas circunstâncias a pronunciar-se sobre a questão dos tabacos, integrada na sua qualidade de organismo expoente máximo da luta de classes e propulsor das massas oprimidas para a sua emancipação e advento dum estado social perfeito e equitativo, em que os seres irmanamente gozem as primícias duma vida de harmonia e beleza, pronuncia-se sobre a referida questão, encarando-a sob três dos seus aspectos que julga os mais importantes:

1.º A indústria dos tabacos, como sucedeu com outras indústrias nocivas para a integridade física e moral da humanidade, representa a exploração organizada pelas sociedades contemporâneas de um vício que a previsão sociológica nos diz que será banido e com cujo desaparecimento cessará a existência da classe que hoje serve essa indústria. Por esse motivo e ainda porque, enquanto perdurar, essa indústria está sujeita às arremetidas do progresso, que imporrá novos sistemas de fabrico mecânico e novas modalidades de exploração que, inelutavelmente, hão-de conduzir a um desperdício ou dispendio do esforço humano, a Confederação Geral do Trabalho advoga a restrição de admissão de novos operários para essa indústria, como forma de evitar prejuízos futuros.

2.º A Confederação Geral do Trabalho, organismo coordenador de toda a acção do proletariado no sentido da expropriação de todos os meios de produção e consumo, combate e combaterá em globo a sociedade de capitalista e todos os seus sistemas exploratórios até à sua desaparição. Assim, considerando o regime burguês-capitalista incompetente de estabelecer um equilíbrio entre os interesses do indivíduo na sua dupla qualidade de produtor e consumidor, a Confederação Geral do Trabalho, ao mesmo tempo que reconhece a todas as classes de produtores o direito de reivindicarem consecutivamente uma situação

melhor, reconhece também aos consumidores o direito de se defenderem da exploração dos que negociam o esforço alheio, devendo a acção dos produtores e consumidores ser conduzida no sentido de enfraquecer a capacidade directiva do capitalismo pela captação em proveito comum da grande parte do esforço do trabalho que ele capitaliza e arrecada.

3.º Colocada a questão dos tabacos sobre os três pilares exploratórios: monopólio, regime de liberdade de indústria, a Confederação Geral do Trabalho, como ponto de vista seu e único defensável em todas as emergências, só pode defender a expropriação das fábricas pelos operários. Mas, considerando em regime burguês a expropriação de uma fábrica ou grupos de fábricas duma indústria não é factível e muito menos seria perdurável, e por consequência que só a Revolução Social expropriará globalmente a burguesia entregando a posse de tudo aos trabalhadores, a Confederação Geral do Trabalho marca a sua neutralidade em face dos três regimes de exploração dos tabacos por os considerar assim:

Monopólio.—O monopólio é a centralização de uma indústria nas mãos de uma empresa concessionária do Estado cuja fiscalização se limita a assegurar para manutenção dos seus corpos improdutivos uma parte máxima dos lucros, com absoluto desprezo pelos interesses dos operários da indústria monopolizada e dos consumidores. Assim, o monopólio cessante dos tabacos, nos seus 35 anos de existência, serviu a enriquecer uma camarária monopolista e a dar ao Estado grossa fatia de lucros, tudo arrancado ao esforço constante, à intoxicação e tuberculização permanentes de alguns milhares de operários, à especulação e encargos pautais com a importação de tabacos estrangeiros e à consequência dos consumidores que, mal esboçando gestos de defesa — que nunca foram além duma

pretensa escusa ao consumo daquele artigo — se sujeitaram sempre à substituição das marcas de tabaco de preços mais acessíveis por outras muito mais caras e a consecutivos e desproporcionais aumentos de preços em todas as marcas antigas e modernas.

Da manutenção das regalias conferidas pelo regime que precedeu o monopólio ao pessoal dos tabacos, di-lo bem o esforço ingente expendido por essa classe, através de muitos anos e em lutas contra a companhia monopolista e o Estado — patrão supremo — lutas das quais a última teve como resultado a demissão em globo do pessoal considerado contratado — parte dele com mais de 30 anos de actividade — e depois a readmissão em situação deprimida com a exclusão, sem motivo justificado, de alguns operários de ambos sexos.

Regie.—A regie corresponde à monopolização de uma indústria por conta do Estado. E' o Estado patrão que, dispensando o intermediário concessionário, capta para uso seu, para sustento dos seus áulicos, os lucros que o monopólio particular arrecadava.

Dir-se-ia que o Estado, senhor de mais 20.000 contos por ano — tanto foi o lucro que o monopólio acusou com sua parte da receita do último ano económico — poderia beneficiar o consumidor, senão no preço pelo menos na qualidade do artigo e assegurar ao até mesmo beneficiar as regalias do pessoal daquela indústria. Sabe-se, porém, pelas lições da experiência, o que é a administração do Estado.

A regie do Estado tenderá unicamente a servir a cupidade das camarárias políticas. Da forma como o Estado curará das regalias dos operários dos tabacos di-lo a proposta que ora se discute no Parlamento. Ela não confere direitos novos, antes pelo contrário fecha pesada e abruptamente a porta a justas pretensões dos operários.

Segundo essa proposta, o antigo pessoal

dos tabacos, parte dele com 60, 70 e mais anos de serviço, fica reduzido a uma irrisória reforma de 5 escudos por dia. O chamado pessoal extraordinário — parte dele com mais de 30 anos de serviço — fica em situação contratual, sujeito a ser dispensado do serviço se as necessidades da indústria assim o permitirem...

Só por um lamentável erro de visão, habilitado explorado por algumas políticas de pacotilha, o pessoal dos tabacos poderá ter as armas da regie que o governo actual propõe. Inspira-se essa classe nesse regime de regie que precedeu o monopólio que cessou em 1.º de Maio, regie que tendo à frente Oliveira Martins lhe aceitou pontos de vista seus, reconhecendo-lhe direitos justos? Mas os tempos rolam sobre os homens e os factos. A regie de hoje não será sequer a respeitadora da regie de ontem e os operários dos tabacos, tanto antigo como o moderno, para defender a antiga regie que lhe deu o princípio de iguais direitos e deveres para todos dentro das fábricas, não pode estar de acordo com a nova regie que renega esse princípio e quer manter dividido o pessoal em duas classes.

Liberdade de indústria.—A liberdade de indústria é, aparentemente, o regime mais simpático. A palavra liberdade é fascinante; mas, não confundamos nem deixemos confundir a liberdade que nós — libertários — preconizamos, com aquela outra liberdade que os políticos autoritários estão defendendo.

A liberdade de indústria corresponde a liberdade de exploração concedida a várias entidades particulares, mas sempre sob a égide do Estado. A liberdade de indústria dos tabacos já existiu, também, segundo ressa a história, com prejuízo dos produtores e consumidores. A livre concorrência foi nesse tempo pernicioso e hoje tudo nos faz prever que não será melhor; antes pelo contrário, se atendermos às proporções es-

peculativas de que o capitalismo enferma, facilmente deduziremos que a indústria disseminada trará fatalmente os resultados seguintes:

a) Os novos industriais acoados pelo Estado — que já hoje afirma pela bôca dos defensores da liberdade de indústria querer arrancar à indústria lucros muito superiores aos 80.000 contos que o último ano económico lhe concedeu — estabelecerão entre si a concorrência, não no sentido de beneficiar o consumidor que ficará sujeito a falsificações, mas no sentido de satisfazer as exigências do Estado e as suas próprias exigências, sendo já previsto e certo que entre si os industriais estabelecerão trusts que conduzirão ao pior dos monopólios. Sirva de exemplo o que sucedeu com a questão dos fósforos. Os tabacos serão piores e mais caros. No que respeita aos operários, a sua situação, por mais paradoxal que isso pareça, será muito semelhante à que lhe destina a regie. O pessoal antigo é o Estado obrigado a manter-lo; enquanto que o pessoal extraordinário — parte dele já velho e inadaptável a outras profissões — fica sujeito a seleções e na contingência de se ver a braços com a miséria. Com o regime de liberdade de indústria virá a liberdade de importação de tabacos estrangeiros, sonho dourado de alguns dos que defendem este sistema. Uma coisa e outra conjugadas consideramos-las nas atentatórias dos interesses do público consumidor e dos produtores da indústria dos tabacos.

Pelo exposto, a Confederação Geral do Trabalho, fiel à sua directriz de franca oposição a todos os sistemas de exploração capitalista, não sanciona nenhum dos regimes propostos para a gestão da indústria dos tabacos, continuando a sua missão de propulsora das massas operárias para a expropriação das indústrias, de todos os meios de produção e consumo, quer eles se encontrem nacionalizados,

monopolizados ou disseminados em pequenos centros de exploração.

Marcando a sua neutralidade em matéria de exploração industrial, a Confederação Geral do Trabalho sente-se, todavia e por isso mesmo, no direito de marcar uma atitude em face do perigo que corre as regalias do pessoal dos tabacos. Assim:

1.º A Confederação Geral do Trabalho manifesta o seu desgosto pelas manifestações produzidas por parte do pessoal dos tabacos, de apoio a um governo que mente quando afirma defender os interesses dos operários ao mesmo tempo que não só menospreza esses direitos na lei do novo regime em discussão, como comete a desumanidade de manter as fábricas em laboração sem satisfazer as respectivas fêrias.

2.º A Confederação Geral do Trabalho, considerando legítimo que o pessoal dos tabacos continue a pugnar por todos os direitos adquiridos dentro das fábricas, pela unificação de todos os operários com iguais prerrogativas na indústria em que laboram, pela garantia aos cansados e inválidos duma subvenção que lhes permita viverem tranquilos no curto período da velhice, pela readmissão de todos os operários e operárias que, por represália da última greve, foram demitidos, e por todas as reivindicações justas que esta classe apresenta — oferece-lhe todo o seu franco e decidido apoio, desde que a sua acção, inspirada na luta de classes, se desenvolva à margem de todas as influências interesseiras das facções políticas.

3.º A Confederação Geral do Trabalho, não descurando os interesses dos consumidores, afirma a sua disposição de auxiliar todos os movimentos que tendam a evitar, por parte do Estado ou indústrias particulares, novos acréscimos de preço dos géneros, ainda que com o pretexto falso de originados pela concessão de regalias operárias.

O Comité Confederal

O ALCOOLISMO

UM GRANDE PERIGO

Há uma Liga Internacional que trabalha para manter em todo o mundo o vício do álcool

nidade, originando-lhe as mais terríveis doenças e conduzindo-a às mais funestas paixões em que a loucura, o crime, o suicídio, etc., são a sua finalidade.

O alcoolismo é um dos maiores factores da degenerescência humana, é um vício que traz nas suas algemas a saúde e a felicidade dos povos, e por isso manter tão grande flagelo é contribuir para o enfeinhamento da Raça para o seu aniquilamento.

Os argumentos de estes homens sem ideal, e que outro fim mais não têm de que enriquecer à custa da desgraça humana, são de que a propaganda anti-alcoólica é, além de estúpida, anti-patriótica; que o álcool constitui uma necessidade fisiológica, e que as leis proibicionistas são um atentado à liberdade comercial.

Como os leitores vêem, tais argumentos, que servem de base à acção da liga anti-proibicionista, revelam os fins criminosos e egoísticos de tal liga que conta com o apoio de muitos políticos, magistrados, médicos, jornalistas, de todo o mundo, e que directa ou indirectamente têm os interesses ligados ao comércio das bebidas tóxicas.

Na verdade, tal liga constitui um perigo mundial, pois possuindo muitos milhões facilmente poderá vencer, se uma propaganda energética não se antepuser aos seus tórridos intentos.

Não sei se os leitores têm conhecimento da existência duma associação internacional cujos fins são: combater a propaganda anti-alcoólica e as leis que, contra o alcoolismo, existam ou venham a existir e propagar o princípio de que o álcool é uma bebida higiénica de efeitos tónicos e alimentares.

Os membros de tal associação, que tem ramificações em toda a parte do mundo, são, na sua totalidade, grandes vinicultores, produtores de alcoóis, proprietários de grandes fábricas de liciores, etc., a quem a propaganda anti-alcoólica, que é universal, muito prejudica os seus interesses de envenenadores da humanidade.

Estão presentemente reunidos em congresso, na cidade do Porto, e previamente a este fizeram uma grande propaganda no sentido de que ele constitua uma forte reunião da qual resulte, a breve tempo, o aniquilamento de tudo quanto seja anti-alcoólico.

Trata-se pois duma liga internacional de malfetores que não assaltam nas estradas o viajante desprevenido, mas que com os seus produtos tóxicos envenenam a humanidade. Constitui um insulto aos argumentos apresentados pelos homens do anti-proibicionismo à propaganda anti-alcoólica que se apia em razões científicas, moralistas e sociais, e que tem à sua frente individualidades de indiscutível valor científico.

Do aumento do uso das bebidas alcoólicas resulta maior número de tabernas, de analfabetos, de criminosos, de doentes, de prisioneiros, de hospitais, ao mesmo tempo que o vigor e virilidade da Raça é comprometido de maneira que só uma descendência de tarados virá constituir a sociedade de amanhã.

Perante tal calamidade que está sendo preparada pela liga internacional anti-proibicionista, qual a atitude das mulheres de todo o mundo, dos pais de família, dos organismos operários, dos criminalistas, dos sociólogos, dos moralistas, emfim de todos aqueles que estudam e trabalham para a felicidade dos povos?

Qual a atitude da ciência médica que

PROBLEMA INSOLÚVEL

Uma viagem por estradas algarvias mais acidentada do que uma escalada a uma montanha marroquina

(Do nosso enviado especial ao Algarve)

FARO, 18.—Há um problema em Portugal que por mais que a imprensa se esfalte em agitar-lo não merece dos poderes públicos a devida consideração — é o problema das estradas.

Do norte ao sul do país as estradas são pouco mais de que veredas sinuosas, do que caminhos tortuosos por onde não se pode passar, mas por onde se é obrigado a transitar por não haver outro recurso...

Não há muitos dias ainda, nas colunas do nosso jornal fizemos passar, como película não acrit, o estado ruinoso em que se encontra a estrada que liga São Mamede a Peniche. E todavia esta vila é essencialmente industrial, e todavia Peniche entrega ao Estado, só em contribuições, o melhor de 500 contos anuais!

só a pericia do nosso clássico boleiro evita que mergulhemos...

Poderíamos enegrecer os cambiantes da nossa odisséia fazendo menção de mais factos reais para provarmos as nossas afirmações que abrem esta crónica. Mas para quê? Acaso não é conhecido de todos os que têm viajado por estradas o estado miserável em que estas se encontram? Não é de sobejo conhecido que em Portugal não há estradas?

Infelizmente essa esmagadora verdade é conhecida por nós todos. O que ainda é desconhecido por muita gente é que pela estrada que acabamos de percorrer tem de passar os enfermos que vão para o Sanatório Vasconcelos Porto em demanda de um lenitivo para os seus sofrimentos!

O que é ignorado ainda por muitas almas

Notas & Comentários

O patriotismo dos ricos

Escreve-nos Maria Inácia Cardoso, costureira, chamando a nossa atenção para a crise de trabalho que a sua classe atravessa agora. Alegam os donos dos «ateliers» que a falta de trabalho provém do facto da valorização do escudo permitir às pessoas ricas e elegantes mandarem fazer os vestidos no estrangeiro, poupando dinheiro e desperdiçando a mão de obra nacional. Comenta D. Maria Cardoso que não compreende o patriotismo dos ricos, visto que ele não os leva a preferir a mão de obra portuguesa...

Uma biblioteca

Comunica-nos o nosso estimado correspondente de Sines que a Sociedade Recreativa Operária Sinesense inaugurou uma biblioteca na sua sede. Registamos o facto com enorme prazer, apontando-o como exemplo a seguir pelas colectividades congêneres. Fazendo-nos eco do entusiasmo e dos bons desejos do nosso presado correspondente, daqui incitamos a mocidade trabalhadora da laboriosa vila a frequentar a biblioteca estudando e educando o seu espírito.

Uma data

Fez ontem trinta anos que seguiu para Moçambique e para Timor a primeira leva dos deportados da lei de 13 de Fevereiro, dos 260 que foram presos à ordem de João Franco. Eram 24 operários, dos quais hoje poucos restam e alguns por lá ficaram para sempre. Este crime perpetrado no tempo da Monarquia ainda hoje é recordado com revolta. A República que prometeu justiça e liberdade faz deportações sem ao menos recorrer à infâmia mais airosa de inventar uma lei que as proteja.

Um desastre da aviação

LONDRES, 18.—No campo do Andover caiu um avião militar, morrendo dois oficiais que o tripulavam. — (P.)

O acordo germano-português

BERLIM, 17.—A comissão comercial do Reichstag aprovou o acordo comercial germano-português. — (H.)

A guerra de Marrocos

Os rifenhos preparam-se

FEZ, 18.—Reina a calma em todo o front. O inimigo organiza os centros de resistência nas regiões montanhosas. As tropas francesas prosseguem activamente a organização das posições conquistadas, a previsão de próximas e importantes operações. — (P.)

A contra-ofensiva rifenha

LONDRES, 18.—Segundo «The Times», em telegrama de Marrocos, as tribus submissas de Audjara atacaram as tropas espanholas pela retaguarda, depois de terem assassinado o «cheik» que mantinha relações de amizade com os espanhóis, lançando fogo à povoação.

O mesmo despacho acrescenta que Abdel-Krim iniciou a contra ofensiva. — (L.)

Uma bomba em Buenos-Ayres

BUENOS-AYRES, 17.—Explodiu uma bomba em frente da embaixada dos Estados Unidos. Os estragos foram apenas materiais, não fazendo qualquer vítima. — (H.)

A política da unidade, zelando interesses partidários e pessoais, apenas reforça a existência do capitalismo

Consoante se pretenda a unidade ou a união, segue-se uma política diversa.

Quando se quer a unidade procura-se, evidentemente, atrair o maior número de adeptos, para que o inimigo não os possa captar nem com eles reforçar os sustentáculos do capitalismo. Torna-se impossível, no entanto, afastá-los de onde se encontram — dos agrupamentos mais próximos do seu ideal. Neste ponto persiste uma propaganda que, por vezes, é de super-valor, de ataques verbais frequentes, mais ou menos violentos, à tática e aos líderes dos grupos, aos quais se procura furtar os filiados e os simpatizantes, a fim-de os atrair a si. O objectivo ideal — substituir a sociedade capitalista por uma outra socialista — dá lugar a um objectivo diferente, secundário — tirar aos seus vizinhos o máximo de forças. O exercício capitalista observa os seus inimigos, que se batem entre si.

Há um especime desta política, principalmente na propaganda do partido comunista. A política do partido socialista consiste, sobretudo, por um lado, em defender-se dos ataques da propaganda comunista; por outro, em sustentar uma política de colaboração de classes, ora procurando que sejam eleitos os seus parlamentares, ora pugnando a sua abstenção. Baldadamente se procura no actual partido socialista uma activa propaganda contra a organização capitalista. E o partido comunista, esquecendo o capitalismo, distrai uma grande parte das suas forças contra os agrupamentos socialistas.

A política da unidade é cheia de paixões fatais, e muito fácil de praticar, visto que satisfaz os apetites pessoais. É a política de tira-te de lá tu para que lá me ponha eu. No mesmo ambiente vivem socialistas e comunistas. Cada líder, perdendo de vista o seu elevado ideal, não vê que os aplausos, os louvores, as honras e os amplos assentamentos de maneira extranha aos estragamentos, os beijos são mordeduras. O adversário, o inimigo deixou de ser o capitalista: é o socialista ou o comunista, o amigo ou o vizinho.

Os homens são os homens, não são santos; e para se transformar o mundo são necessários os homens e não os santos. Assim, a política da unidade, apesar das suas péssimas consequências, não terá considerável gravidade se ela se não tornar uma deformação do ideal. Cada partido, cada chefe, têm alterado as concepções à feição dos seus interesses e tais interesses levam-nos a expulsar o vizinho da grande família socialista.

Também se viu, e vê-se ainda, que militantes socialistas ingénus — por princípio, supõem sempre que há boa fé nos homens, até prova em contrário, e gosto mais de acreditar na estupididade dos homens que na sua desonestidade — vê-se ainda, dizia eu, que militantes socialistas, discursando no parlamento ou escrevendo nos jornais, fazem longas e violentas diatribes contra o regime bolchevista, ao qual se atribuem a pesar-das suas fases diversas, a implantação de formas socialistas numa população que conta mais de cem milhões de seres. Vêm-se militantes comunistas contestarem a qualidade de socialistas a militantes que outro crime não cometem que o de ter uma opinião diferente da dos comunistas.

Enquanto isto se dá, nota-se que os capitalistas se apertam as mãos, contentes da divergência socialista. E o povo, o homem da rua, desinteressado destas lutas e abandonado-se em resistência à sua exploração pelos capitalistas. Felizmente para o progresso humano. Eles debatem-se tão apai-

xonadamente quanto estupidamente, tal como socialistas e comunistas.

Quero dizer que os capitalistas exploram, desmedidamente, tanto a massa popular como a pequena e a média burguesia. Assim, são eles os melhores propagandistas para fomentar o descontentamento geral e para levar os humanos mais racionadores ao ódio ao capitalismo e ao amor à sociedade socialista.

A política da unidade é uma política de lutas fratricidas de que se aproveitam os capitalistas. E o socialismo estiolar-se há, morrerá, por falta de partidários, se não tiver a propaganda mais que os partidos socialistas e comunistas. Existem, porém, os capitalistas, que são os melhores propagandistas, talvez mesmo os únicos, das doutrinas que renovarão o mundo e fundarão no mundo um pouco mais de bem estar e de justiça.

Augusto Hamon

Congresso dos Operários do Ramo da Alimentação

Reuniu a Comissão Organizadora do Congresso do Ramo da Alimentação, com a presença dum delegado da secção de federações da C. G. T., tendo resolvido enviar uma circular aos organismos aderentes, a fim-de que estes lhe enviem nota da sua população associativa.

Esta comissão, que tem os seus trabalhos bastante adiantados, espera que os sindicatos que ainda não enviaram a sua adesão definitiva o façam com a maior urgência, a fim-de não atrasarem a data da realização do Congresso.

A associação dos profissionais culinários deu já a sua adesão.

Hoje, pelas 19 horas precisas, reúne a comissão organizadora da Federação do Ramo da Alimentação Pública, para tratar de assuntos que se prendem com a realização do próximo congresso corporativo. É indispensável a comparência do delegado dos Pastelheiros.

As inundações na Itália

ROMA, 18.—As inundações na Itália do Norte continuam a causar grandes prejuízos. Em Trentino, um desabamento cortou as comunicações em todo o campo. Em Brescia, uma avalanche de novo surpreendeu um grupo de operários, arrastando este, tendo sido já encontrados dois cadáveres. — (H.)

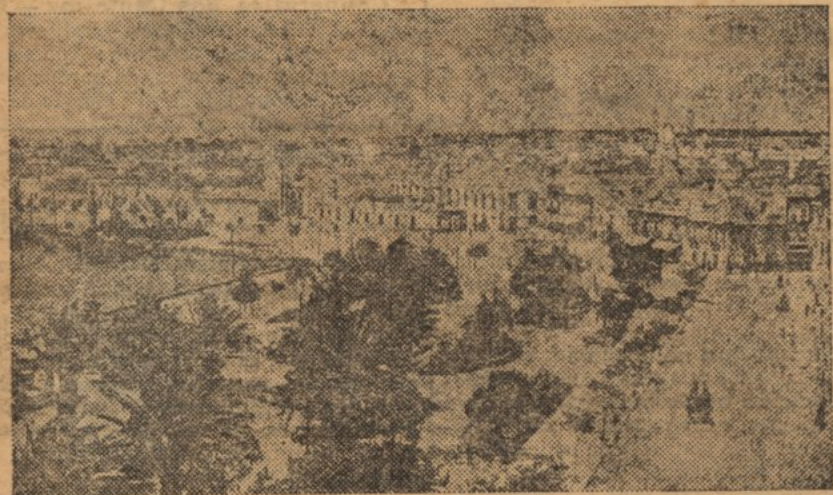
Manobras do exército russo

BUCAREST, 18.—Informações recebidas da fronteira russa assinalam a concentração de tropas soviéticas ao longo da fronteira da Bessarábia.

O governo romeno ordenou a mobilização parcial, como medida de prevenção. — (L.)

MALAS POSTAIS

Pelo paquete «Dante Alighiere» são hoje expedidas malas postais para New-York, sendo da estação central dos correios a última tiragem de correspondências ordinárias às 11 horas e para a registada até às 9 horas.



Vista parcial de Faro

No Algarve sucede outro tanto. O Algarve é uma provincia bastante industrial e de quem o Estado tem recebido em matéria de contribuições e impostos uma bonita soma que nos faria a todos felizes... No entanto o Algarve não possui caminhos transitáveis, não tem estradas em que um carro possa fazer uma viagem de algumas horas...

Acabamos de regressar de uma tormentosa viagem a Alportel. Fomos ao Sanatório Vasconcelos Porto, que nos diziam estar em ruínas e cujas impressões correrão dentro de alguns dias impressas, e pudemos verificar o estado em que se encontra esse hipótese de estrada que liga Faro a São Brás de Alportel.

— Isto não é uma estrada! exclamou um amigo, quando tivemos que fazer uma etapa num sítio denominado «Couro da Burra». É verdade: aquilo não é uma estrada, é um arremêdo de estrada ou quando muito um atalho com mais de vinte e cinco quilómetros, esburacado e intransitável.

No já conhecido «Couro da Burra» a estrada é «bifurcada» — conduz para Santa Barbara de Nexe e para Estoi. Antes de chegar a esta localidade a ruína da estrada atinge a sua expressão máxima. Na canalização da água houve certa rutura. Como não se fizessem as necessárias reparações a água veio ao leito e inundou-o. Quem precisar de transitar por aquele local só o consegue navegando...

Do «Couro da Burra» a São Brás, não deparamos com uma estrada marinha. No entanto deparamos-nos grandes covas, onde

O golpe de Estado na Polónia

Está formado o novo governo

VARSÓVIA, 18.—O antigo ministro dos negócios estrangeiros, sr. Skrzynski, regressou a mesma pasta que lhe foi oferecida pelo marechal Pilsudski. — (L.)

A luta prossegue

BERLIM, 18.—Os jornais de Varsóvia dizem que o sr. Haller formou em Poznan um contra-governo. Destacamentos dos dois partidos, segundo as mesmas informações, encontraram-se na região de Kalisz, havendo mortos e feridos. — (L.)

Os operários de Aljustrel, em constante risco de vida, são achincalhados na sua dignidade

ALJUSTREL, 17.—O ambiente de terror que se sucedeu à luta heróica dos mineiros de Aljustrel não se dissipou ainda. Dir-se-ia que esta laboriosa vila alentejana retrogradiou até aos tempos medievos, em que o senão feudal — a Empresa belga exploradora das minas — tem direito de vida e de morte sobre os escravos do subsolo e os tiraniza sem atenção nenhuma pelas prerogativas conquistadas pela evolução.

Na mira de arrecadar o máximo, despendendo o mínimo, à Empresa não importa o perigo que correm os pobres mineiros. Estes, sempre que se somem no negre da terra, fazem-na na incerteza de regressar à luz do dia e ao concheio dos seus pobres lares. Os escoramentos das minas são uma miséria, por não sofrerem a conveniente substituição. Galerias há quasi por completo entulhadas e a expectativa é dos mais graves desastres. Ainda há dias uma derrocada por pouco não arrancava a vida a um mineiro, que ainda assim ficou muito maltratado, fazendo de cama.

Mas, perguntar-se-ia, o governo não fiscaliza essas cousas? Parece que sim, ou antes, devia fiscalizar. Mas, se em Aljustrel existe fiscal do governo é não dá sinal de si, ou por comodismo ou então porque rende homenagem à s.ª Empresa.

O despotismo da Empresa das minas está actualmente personificado num chefe de escritório belga, chamado Korboung, uma espécie de *factotum* do administrador, que tripudiando como em país conquistado e fazendo alarde da sua incompetência e levandade que lhe são peculiares, despacha e transfere operários dumhas secções para as outras sem atenção nenhuma pelas suas aptidões profissionais. Ultimamente, deu-se esse despotismo ao luxo canalha de constituir um corpo de espíões do pessoal, recrutando para tal feito alguns farrapos humanos que se prestam a tão ignóbil papel.

E como nas oficinas da mina exista de há muito tempo um antigo operário que, muito competidamente e a contento do pessoal, desempenha a função de mestre das referidas oficinas, o tal Korboung tem procurado influir no espírito do administrador para que demita aquele que tem cometido o grande delito de, sem descurar os interesses da Empresa, ter mantido a mais absoluta harmonia entre os seus colegas.

A pesar de tudo, não é fácil atingir os fins a que visa o belga Korboung com as suas odiosas perseguições. Entretanto, bom será que os organismos operários de Aljustrel se vão prevendo para enfrentar qualquer surpresa que porventura surja. Vale bem mais prevenir... —E.

ASSISTÊNCIA INFANTIL

maçur-se, no próximo mês, a época balnear na praia da Cruz Quebrada

O vereador do pelouro de assistência sr. Alexandre Ferreira espera levar este ano a tomarem banho na colónia balnear da Cruz Quebrada cerca de 10.000 crianças.

Pelos médicos escolares e municipais está sendo feita com actividade a inspecção às criançashas a fim de se verificar quais as que necessitam tomar banho, atendendo-se não só ao seu estado físico como à sua situação económica. Os banhos devem começar a ser ministrados no próximo mês sendo como nos anos anteriores concedidos transportes gratuitos às criançashas e bem assim fornecidos fatos, refeições, etc.

Começaram já afluindo donativos para a benemerita obra de assistência feita pelo sr. Alexandre Ferreira, que tem recebido os mais entusiásticos elogios.

O referido vereador recebeu ontem os seguintes donativos:

Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes, 6.000\$00; Companhia da Zambézia, 500\$00; Junta da Freguesia de Belem, 500\$00; Companhia Aliança Seguradora, 250\$00; Parceria dos Vapores Lisboenses, 200\$00; Companhia de Seguros Patria, 150\$00; Sociedade de Agricultura Colonial, 100\$00; Companhia de Seguros «A Nacional», 100\$00; Companhia de Seguros «Tagus», 100\$00; Empresa Cerâmica de Lisboa, 50\$00; Companhia Nacional de Navegação, 50\$00; Companhia Ilha do Principe, 50\$00; Companhia de Seguros, 20\$00.

De António Avelar, duas camisolas, 50 «tabletes» de chocolate; António Lopes Júnior, 10 quilos de açúcar e 10 quilos de arroz; Virgílio de Carvalho, 2 peças de chita; A. S. Correia, Limitada, 3 blusas, 3 calções e 3 gorras de malha; Nunes de Carvalho, uma peça de riscado.

TEATRO APOLO

Emp. Ruas - Telef. N. 4929

HOJE

O sensacional drama

Amor de Perdição

Nos primicias papeis os artistas IRENE GOMES, RAFAEL MARQUES e PALMIRA TORRES

DIA 27: Festa artística de RAFAEL MARQUES com o

OTEL

TEATRO AVENIDA Telef. N. 4356

COMPANHIA SATANELA-AMARANTE Todas as noites o célebre

PÃO DE LÓ com o FADO DO SOLDADO

4 de Junho - Inauguração da Época de Verão com o vade-me-cum de E. Rodrigues, F. Bermudes e João Bastos

O DR. DA MULA RUÇA

tem por fim vigiar a saúde da humanidade, perante tão grande monstruosidade que se prepara?

Os homens da liga internacional anti-proibicionista cujas fortunas fabulosas assentam sobre o sofrimento de milhões de seres são o espectro tenebroso de mais uma calamidade que paira sobre a população mundial, e que nós devemos incessantemente combater.

Lion de CASTRO.

IV Congresso dos Alunos das Escolas Técnicas de Portugal

A Comissão Organizadora do IV Congresso dos Alunos das Escolas Industriais, Comerciais, Preparatórias, Artes e Oficinas, Arte Aplicada e Institutos Industriais e Comerciais do país, resolveu adiar para os dias 5 e 6 de Junho a realização das sessões do IV Congresso, em virtude de nos dias primeiramente marcados realizarem-se em Braga o Congresso Mariano, o que lhes traria dificuldades especialmente em alojamentos.

A Comissão Organizadora tem recebido várias adesões de escolas tanto de Lisboa, Porto e Braga como de Viana do Castelo, Coimbra, Caldas da Rainha, Tomar, Setúbal, Silves, etc., etc. Há vários trabalhos conferidos em testes entre os quais: «A necessidade da criação da cadeira de História de Artes nas Escolas de Arte Aplicada», «Deficiência de Material Didactico com o alargamento do curso Commercial», etc., etc.

A Comissão Organizadora que é presidida pelo sr. José Manuel Lopes da Costa tem como vogais os srs. João Guilherme de Carvalho Duarte, Rogério Dias Pereira, Manuel dos Santos Ivo, António de Almeida Pereira, José Pinheiro de Melo, Alberto Aionso Leite, António Gonçalves e Gaspar Fernando Simão de Macedo, respectivamente de Lisboa, Porto e Braga.

SOLIDARIEDADE

Pró-Pedro dos Santos (Pecqueira)

Realizada por uma comissão de amigos realizase no próximo sábado, no Centro Escolar Dr. Magalhães Lima, largo do Salvador, uma grandiosa festa, cujo produto reverte em favor da companhia de Pedro dos Santos (Pecqueira) que se encontra gravemente enferma.

O programa da festa, que principia às 20,30 horas, é o seguinte: 1.ª parte: Abertura por uma tropa de bandolistas sob a direcção do sr. Carlos da Costa; canção nacional por António Lado, Raúl Pinto, Alfredo dos Santos, Manuel Ferreira, António Nobre e Manuel Portugal; variações pelo guitarrista Armando Freire (Armandinho) que será acompanhado pelo seu violão Manuel Gonçalves. 2.ª parte: Canção nacional por Armando Barata, Gerardo Baptista, Joaquim Campos, Vitorino Luís, Alberto Silva, Raúl Jacob e Estanislau Cardoso; variações pelo guitarrista Américo dos Reis e seu violão José Mendes. 3.ª parte: Canções ao fado por Carlos Pitocero, Raúl Brindling, Artur do Intendente, Ventura Barros, Júlio Proença, José Júlio e Mário Martins.

Foi entregue a António da Silva Vargas a quantia de 36 escudos, produto duma subscrição tirada na Avenida da República.

Horas fatais

Pela rua da Palma seguiu ontem à tarde, num eléctrico, acompanhada pela família, indo a uma das janelas do veículo, a menor de 4 anos, Elisa Manuela Costa Guarinho Pinto Bandeira, residente na rua de Sapadores, 115, rez-do-chão. Ao passar próximo da Associação de Socorros Mútuos dos Empregados no Comércio e Indústria, encontrava-se estacionada uma carroça carregada de caixotes, e a passagem do carro por esta, a pobre criança bateu violentamente com a cabeça nos caixotes, ficando gravemente ferida. Conduzida imediatamente ao posto médico daquela Associação, foram ali ministrados os primeiros socorros, em quanto era requisitado para a Cruz Vermelha um autocarro no qual a ferida foi transportada ao hospital de São José, onde faleceu após a sua chegada. O cadáver foi removido para casa.

DESPORTOS

A prova pedestre de cinco quilómetros

Na prova pedestre organizada pelo Bemfornoso Atlético Clube, no passado domingo, para a disputa da Taça «Reinaldo dos Santos» ficou classificada em primeiro lugar a «equipe» do clube promotor, que ficou detentor do trofeu.

A classificação pessoal dos corredores foi como se segue:

1.º prémio, Gil Maia; 2.º, Custódio Lopes; 3.º, António Carrilho—B. A. C.; 4.º, Aníbal Rodrigues, S. Picheleira C.; 5.º, Rui Nunes, C. F. os Benelenses; 6.º, Armando Augusto, Relampago F. C.

A «equipe» do Penha Foot-Ball Clube ficou desclassificada.

SOCIEDADES DE RECREIO

Grupo União de Vilar Sêco.—Promovida pelo Grupo Excursionista União de Vilar Sêco, realiza-se no dia 22 do corrente no Grémio Beirão, pelas 21 horas, uma festa de caridade a favor das crianças e pobres mais necessitados da freguesia de Vilar Sêco, concelho de Nelas.

Subirá à scena a peça «Os 20.000 dólares». Terminada a recita seguir-se há baile.

AGREMAÇÕES VARIAS

Sociedade «A Voz do Operário».—Para continuar a discussão do regulamento interno desta instituição reúne hoje, às 21 horas, a assembleia geral. Dá a importância do assunto é de esperar que compareça o maior número de socios.

TEATRO DO GIMNÁSIO

Telef. C. 2314

HOJE

a linda comédia

O ROSARIO

de BISSON

Tradução de ACACIO DE PAIVA

Protagonista

PALMIRA BASTOS

No primicias papel masculino

TARQUINIO VIEIRA

Quinta-feira, 20: Festa artística de MERCEDES DE ALMEIDA

'A Batalha' na provincia e arredores

Mina de S. Domingos

Para que servem as festas...

MINA DE SÃO DOMINGOS, 16.—Segundo dizem alguns componentes da comissão das festas fanáticas ultimamente realizadas em Santana de Cambas, um tal sr. Barata que arquivou as *massas* retirou daqui sem prestar contas, dizendo ainda os mesmos da comissão que aquele «Bicho Negro» arrecadou para cima de 2.000\$00. A igreja a dignificar-se com tamanhos milagre...

Que tal a moral... destes religiosos republicanos?

Também nos informam que uma das melhores prendas oferecidas ao bazar das festas partiu do sr. Souto, administrador do concelho, e que este senhor acompanhara as festas com... fé de crente. Poderá para as festas com... fé de crente. Poderá para as festas com... fé de crente.

Proesas dum gerente da Empresa

Este gerente da Mina não pára na sua rota criminosa. Na sombra vai movendo torpes perseguições aos seus operários. Vai torcendo a seu talante os doces cordelinhos... até quando?

Quem será?!...

O serviço dos correios nesta localidade está, como é vulgar dizer-se, «sob a capacha» da Empresa... e o empregado é da empresa, havendo em silêncio quem protesta contra semelhante *minação*, tanto mais que já se sabe que em tempos um gerente cogia o seu empregado nos correios a entregar-lhe determinada correspondência... Se aquele gerente procedeu infamemente (e note-se que foi um dos melhores que aqui conhecemos) está'outros não terão procedido idênticamente? Por agora o nosso resumo do protesto, pois está a avolumar-se as nossas justificadas suspeitas por motivo da correspondência que afecta a criaturas de baixa moral em boas relações com a empresa não vir à publicidade. Pelo menos esta não vai ao gabinete «negro»... —C.

Seia

Julgamento

SEIA, 17.—Teve hoje lugar nesta comarca o julgamento de João Borges da Silva e de sua irmã Maria do Nascimento, autores da tragédia do Moimho do Buraco, de que foram vítimas a machadada o moleiro Zaranza e sua mulher, como ao tempo *A Batalha* noticiou. O João Borges foi condenado em 25 anos e a Nascimento em 12.—C.

Praia da Aguda

O mar agitado

ESPINHO, 13.—Mais uma vez a linda e vizinha praia da Aguda ia sendo teatro de uma tragédia que ia custando a vida a cinco humilides e obscuros pescadores, que num trabalho violento e exaustivo, forçados pelas duras condições da vida dos pobres, lá vão, mar em fora, arrostos os perigos da sua arroçada e, quasi sempre, pouco lucrativa profissão.

Foi o caso que tendo saído para a pesca da sardinha o barco tripulado por Vitor Rodrigues Vita e mais quatro companheiros; de repente, uma vaga mais alta volta e submerge o barco, precipitando no abismo os pobres tripulantes.

Valeu-lhes o rápido e pronto socorro de outro barco tripulado pelo arrais César Pinto Faustino, a cuja valorosa intervenção se deve o não termos agora a lamentar mais uma catástrofe... —C.

Sines

Um guarda fiscal que atenta contra sua própria filha

SINES, 17.—Mais um crime da gente que enverga farda a acrescentar aos que *A Batalha* tem já publicado: um soldado da guarda fiscal, destacado nesta terra, albergou em sua casa uma pobre rapariguita, orfã de pai e mãe. Dir-se-ia que praticou uma boa acção, mas a infâmia que ele agora cometeu, vem totalmente desmentir-lhe.

O guarda fiscal desflorou a sua infeliz hospedeira, o que é já voz corrente nesta vila. Não contente com esta infâmia ainda praticou outra e bem pior do que a primeira: desflorou também sua própria filha, uma rapariguita ainda bastante nova.

Tudo isto foi descoberto devido à pobre rapariga que, com tão más intenções, o guarda fiscal albergou em casa o ter confessado.

O guarda fiscal será em face disto promovido a cabo?

Secção Telegráfica

Com 16 Prô-Prêços por Questões Sociais.—Colimbra.—Roberto das Neves.—Recebemos a vossa carta e provas. Agradecemos.

Federações

METALÚRGICA

S. U. Metalúrgica de Crestuma.—Segue expediente pedido no vosso officio de 16 do corrente.

Incêndio

Pelas 16 horas de ontem declarou-se incêndio num dos armazéns da fábrica da Companhia União Fabril, largo das Fontainhas, 31, ardendo 20 sacas com linhaça empastada.

Compareceu material e pessoal dos quartéis 1, 6 e 10 do Corpo Municipal de Salvaguarda Pública, tendo trabalhado uma agu-lhetta.

Teatro Nacional

Telefone N. 3049

HOJE

a representação da interessante peça

Papillon, bom rapaz

Nos primicias papeis:

Maria Pia, Otel de Carvalho, Albertina de Oliveira, António Pinheiro,

Alice Ogando, Ribeiro Lopes, Ilda de Vasconcelos e Emília Fernandes.

Dois heróis dignos um do outro

Pedem-nos a publicação da seguinte carta:

Camarada redactor:—Tenho sido sempre, por temperamento e por princípios, avesso a atentados pessoais de qualquer natureza ainda por mais fortes que sejam as razões que os justifiquem. Mas, também por temperamento e princípios, igualmente sempre fui inimigo da cobardia, da hipocrisia e da velhacaria.

O tenente-coronel sr. Ferreira do Amaral, muito ilustre e valente comandante das brigadas civicas policiaes, que tem medallas que lhe cobrem o peito, desde o pescoço até ao umbigo, por actos e feitos de bravura, sabe muito bem, e de há muito, que o seu subordinado, o sr. chefe Xavier, foi o instigador e o principal autor do atentado de que s. ex.ª foi alvo e ia saindo vítima. Sabe-o e finge que não acredita. Porque procederá assim? Que razões terá s. ex.ª para um tão estranho procedimento? Acaso temerá o seu subordinado? Ou terá s. ex.ª com o dito chefe Xavier cumplicidades de tal natureza em assuntos de tal sorte escabrosos, que prefira sorrir melgamente ao seu algoz, afivelando a máscara da incredulidade, a ter que sujeitar-se a ouvir-las gordas se acaso procedesse contra elle como procederia contra qualquer outro sobre quem pesasse idéntica accusação? Mistério! Mistério como tudo o mais que encerra aquele antro policial onde pontificam Xaviezes e quejandos.

Dois heróis!...

Forté de Monsanto, 14 de maio de 1926.—J. Silva.

Ocorrências diversas

João Gomes de Oliveira, de 26 anos, natural de Tondela e residente nas Caldas da Rainha, é um pobre cego que costuma andar mendigando de terra em terra, em cujas locandas em troca de umas canções à guitarra, recebe qualquer óbulo. Antontem, foi elle a Azambuja e ali entrou numa taberna de Pedro Dias, onde se encontravam vários indivíduos em discussão e que pouco tempo depois se envolveram em desordem, sendo o pobre cego, nesse momento, atingido com uma violenta cacetada que lhe produziu um grande ferimento na cabeça. O ferido apresentou-se ontem no Banco do Hospital de S. José, onde foi devidamente pensado, seguindo depois para casa.

No posto da Cruz Vermelha do Calvário foi pensado recolhendo em seguida à enfermaria n.º 2 do Hospital de Arroios, Joaquim Garcia, de 49 anos, natural de Peniche, residente na estrada da Loureira à Fonte Santa, 9, carroceiro, que, na rua do Alívio, foi colhido pela carroça de que era condutor, ficando com uma perna fracturada.

No Banco do hospital de São José, foi pensado e seguiu para casa, António da Conceição, natural de Lisboa, patrão do Arsenal da Marinha, residente no beco de Espírito Santo, 11, 3.º, dfo. que, perto de Alverca, foi colhido por uma feteicha, a bordo da «Terceira Falua».

No posto do Terreiro do Paço, foi pensado e recolheu a casa, Constantino Loureiro, de 25 anos, frageiro, natural e residente em Alhos Vedros, que, no Cais do Sodré, foi colhido por um casco com vinho, ficando ferido na perna direita e contuso na esquerda.

Na enfermaria de Santo António, do hospital de São José, foi ontem operado pelos dres. Dias da Silva e Damas Mora, Augusto Reis, o ex-cirurgião de Dragões de Naulilla que, como noticiámos, ali se encontra internado, desde 13 do corrente mês, para tratamento ainda dos ferimentos resultantes do combate com os alemães em 1914.

A um camion do serviço dos correios, quando vinha da estação dos caminhos de ferro e descia a Calçada do Carmo, partilhando-se as correntes do travão, seguindo sem governo até ao Rossio, chocou com um automóvel e colheu no caminho Armando Bento Alves, de 17 anos, servicial, rua Arco de Bandeira, 123, 6.º, que ficou ferido na cabeça e braço esquerdo e Maria da Conceição Alves, de 44 anos, vendedeira ambulante, rua Martin Vaz, 10, com ferimentos no rosto. Receberam curativo no banco do Hospital de São José e recolheram a casa.

A viagem ao Polo Norte

ROMA, 18.—Continuam as manifestações de entusiasmo pela viagem transpolar do dirigível «Norge», sendo longamente aclamado o nome do coronel Nobile.

O sr. Mussolini recebeu o primeiro relatório telegraphico da viagem de Roma ao Polo e lterras de Alaska, num percurso de 13.000 quilómetros, durante 172 horas de voo, tendo o dirigível aterrado em Teller em consequência das condições atmosféricas e duma perda parcial de gás, motivada por uma ruptura do envólucro, sem a qual a aeronave poderia efectuar mais 1.000 quilómetros de percurso.

O presidente da comissão americana para o voo transpolar enviou uma mensagem á imprensa italiana, exprimindo a gratidão universal para com Amundsen, Nobile, Ellsworth e toda a tripulação do «Norge», pela grande conquista realizada.—(L.)

OS QUE MORREM

José Justino Vieira

Vítima de uma grande enfermidade, faleceu José Justino Vieira, cunhado de João Maria Baptista Pereira de Oliveira, tipógrafo da Imprensa Nacional.

O seu funeral realiza-se hoje, pelas 15 horas, saindo do hospital de Santa Marta para o cemitério do Lumiar.

Francês sem mestre

por GONÇALVES PEREIRA

1 volume de 400 paginas 15\$00

Pelo correio 16\$50.

Pedidos á administração da «A Batalha».

TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

No Conservatório

D. Helena de Sousa Costa, de quem haviamos já ouvido falar como *diseuse*, veio ontem ao Salão do Conservatório apresentar as suas qualidades de recitadora, escolhendo para isso algumas poesias de portuguezes e brasileiros.

Sem desprimor para os poetas que tinham a sua representação no programa, queremos acentuar o nosso regano de não ver entre elles os nomes de alguns que, como Eugénio de Castro, Augusto Gil, Fausto Guedes Teixeira, Junqueiro, Gomes Leal e Cesário Verde, honram um país qualquer que seja a altura do seu nível literário. Parece-nos até que a revelação do talento recitativo de D. Helena de Sousa Costa, não aproveitaria menos a escolha de versos de alguns destes, onde haveria pretexto para melhor evidenciar faculdades de dilação.

D. Helena de Sousa Costa tem na verdade óptimas aptidões e, como cremos que aceitará as observações que lhe queiram fazer, não temos dúvida em dizer-lhe que as inflexões se regulam conforme a índole da poesia e dentro de cada composição a gradação deve fazer-se à proporção que o verso o vai exigindo.

«O meu Algarve», por exemplo, não pode ser sentido com a mesma intensidade de dilação desde o principio ao fim da poesia. D. Helena interpretou mais o seu sentimento pessoal do que o sentimento da poesia. Esta personalização melhor razão terá se a *diseuse* a aplicar aos seus processos de recitar. O valor de recitar está não sómente em exteriorizar o sentido e a expressão do que se recita, deve residir na maneira íntima por que a pessoa sente o sentimento do poeta, tocando-o da sua própria sensibilidade.

Onde D. Helena de Sousa Costa esteve mais certa, mais exacta, foi nos versos de António Correia de Oliveira—«A Mãe».

D. Ema Romero Santos Fonseca, a quem nos temos referido bastantes vezes com a justa apreciação que lhe compete, cantou com a sua bela escola composições de Kricka, Stravinsky, Bartók, Alexianity e Milhaud. Como carácter descriptivo deve especializar-se o «Tilimbom», de Stravinsky, e «Les soirées de Petrograd», de Milhaud.

O sr. João Zuzarte de Mendonça (filho) comentou com simplicidade de notas os trechos que iam sendo executados e D. Malhada Gomes acompanhou, com arte, ao piano.

O recital de arte moderna foi precedido duma lição humorística do dr. Luís de Oliveira Guimarães, que entreteve a assistência, principalmente a feminina, com as suas graciosas observações sobre a arte de namorar. A forma como as senhoras sublinharam as suas afirmações é o melhor elogio do conceito dos seus comentários.

Nogueira de BRITO

«Amor de Perdição» no Apolo

Uma das mais queridas e impressionantes peças dramáticas, o imortal «Amor de Perdição», que conta as representações por centenas, apparece hoje de novo a conquistar os aplausos do público, indo à scena, no Apolo, desmpeinhado por um excelente conjunto artistico. A celebre peça, extraída por D. João da Camara do celebre romance de Camilo, com o mesmo titulo. Tem a seguinte distribuição: «João da Cruz», Rafael Marques; «Domingos Botelho», Lino Ribeiro; «Simão Botelho», Abilio Alves; «Camilo de S. Miguel», João Calazans; «Thadeu d'Albuquerque», Abilio Baptista; «Baltazar Coutinho», Brannão; «Dr. Manuel Lopes», Artur Sá; «Comandante da Nau», Antonio Nascimento; «Um frade», Francisco Sena; «Tereza», Ofelia Brochado; «Mariana», Palmira Torres; «Rita», Elvira Velez; «Prelada», Rosa Cerca; «Felismina», Beatriz Belmar; «Barbara», Rosa; «Mendiga», Catalina Gimenez; «Constança», Mercedes Celeste; «Creador», Sena.

A recita de hoje, no Apolo, está despertando excepcional interesse e para ela os bilhetes são vendidos a preços populares e sem locação.

Festas artisticas

Está despertando enorme interesse a «reprise» que vai fazer-se do «Otel», em festa artistica de Rafael Marques, e todos os dias se recebem no Apolo, pedidos para a marcação de logares para esse espectáculo sensacional, em que o illustre actor interpretará, pela 1.ª vez, a parte de protagonista.

A peça será apresentada com todo o aparato, e para ella estão pintando scenas os artistas Renda, Serra & Amancio, além de Luís Salvador, Mergulhão e Campos & Oliveira.

—E' amanhã que, no Gimnásio, realiza a sua 1.ª festa artistica a gentil actriz Mercedes de Almeida, que, embora bastante nova já conta na sua carreira teatral, vários trabalhos que lhe têm sido unanimemente elogiados. O espectáculo consta da representação da lindissima peça «O Rossio», em que a festejada interpreta com o relevo que require a parte de «Maria».

Reclames

A representação no Gimnásio da peça «O Rossio», decorre em permanente entusiasmo, havendo nos finais dos actos, repetidas manifestações de apreço a Palmira Bastos, que na peça tem uma notabilissima criação, partilhando dos aplausos que lhe foram tributados, Regina Montenegro, Gil Ferreira, Theodoro Santos, Tarquinio e Alegirim, este num papel simplesmente episódico, de que tira o maximo partido.

MARIA VITÓRIA

O Almocreve das Senhas

FOOT-BALL

AS GIRLS

A VOLTA AO LAR

TODAS AS NOITES

Ultimas notícias



ATRAVÉS DA AFRICA

Angola triste dos emigrantes e degradados

Os que dormem no hotel das estrelas e os que vivem nos cárceres de São Miguel—Mais uma leva de presidiários—Impõe-se a criação duma Liga de assistência aos colonos europeus

Um dos aspectos pouco agradáveis que, neste momento, oferecem alguns emigrantes portugueses que vieram para Angola, é a situação em que muitos se encontram, passando horas angustiadas, entre o desespero e a fome, devido à falta de trabalho ou colocação.

Há, efectivamente, no momento actual uma tremenda crise em Angola, que determinou o despedimento de muitos que estavam empregados, e que dificulta o arranjo dos que daí continuam a partir sem colocação. Crise passageira, que poderá durar alguns meses ou alguns anos, ninguém deve supor que se trata da ruína de Angola ou do seu arrastamento definitivo, pintando pessimismos sobre as minhas palavras. Uma crise passageira, mas aguda no seu aspecto transitório, e que lança nos pobres emigrantes os emigrantes pobres que, daí partem sem trabalho ou condições.

E' um caso sério, em que devo insistir, pelas consequências tristes de se revertere e que mais duma vez aqui presenciámos. Deixar vir essa gente sem um contrato bem acertado, à aventura, é crime ou loucura, sabendo-se, como se sabe, que os últimos navios que regressaram à metrópole foram repatriados alguns infelizes em duras condições.

Por toda a parte onde tenho estado—em Lobito, no Huambo, em Benguela, Mossamedes e Huila—por toda a parte eu tenho encontrado rapazes novos sem trabalho, de olhos tristes, cara de febre e fome, ou vivendo da generosidade dos amigos. Quando têm pessoas conhecidas ainda passam bem; quando não têm, vagueiam pela rua, muitos dias sem comer, e dormem ao relento nos bancos das praças, nas grades das estações e no recanto dos coretos, e às vezes nos bancos dos jardins ao que eles chamam, num ar boémio e triste, o «Hotel das Estrelas».

Há poucos dias, também, já aqui em Loanda, me foi dado assistir a um espectáculo cruel, inútil e conflagrador, censurável quer o encenamento sob o ponto de vista prático ou sentimental, e que bem exterioriza o estagnamento do ministério das Colónias. Quero referir-me ao desembarque dos degradados, essa massa informe, feita dos resíduos de todas as misérias, desventuras, injustiças e desgraças, resaca trágica que as praias luzitanas impellem de encontro a esta costa de África, e que aqui vem estoriar como, um solido enorme, a lembrar-nos essa pútrida miséria que é o nosso sistema penal, de facto a melhor escola e autêntico viveiro do crime.

Em pleno dia, à luz deste sol ardente e criador, eu vi deslizar, serenamente, sobre as águas azuis da baía, o barco que trazia a leva, e anotei, nervosamente, as impressões desse desembarque de 322 homens, 22 mulheres e 2 crianças—uns que vêm queimar os restos das culpas e qualidades nessa horrível promiscuidade que fomenta o crime, outros que vêm estoriar de saúde e dor sob o peso da culpa e grande vergonha ou injustiça, e quasi todos em procura da loucura ou da morte, que é o caminho mais rápido a que conduz este retrogrado sistema penal.

Desembarcaram entre tropas, e passaram entre uma multidão de fôdas as cores que os olhava como animais de espécie rara. As mulheres não vinham na forma e algumas, estovadas, logo começaram piadas picantes com um cabo negro, as que levavam crianças ao colo passaram tristes. Penso horrorizado na sorte daquelas crianças...

Dos homens vinham os velhos profissionais do crime, cicatrizes no rosto e braços tatuados; vinham rapazes novos, de olhos apagados, sem fitarem a multidão; vinha um de traje correcto e de olhos vidrados de lágrimas, e um outro, pouco mais de dezasseis anos, melancolia negra, abraçada a uma guitarra.

Um espectáculo triste que nada reconforta os portugueses que aqui estão. Mas desviemos os olhos dessa leva trágica, muito mais triste ainda como a vimos, entre as hirtas baionetas das duas filas de soldados negros, a caminho dos mórros de S. Miguel. Cortemos aqui o descritivo nervoso dessa mancha impressionista que daria uma violenta e soberba *agua-forte*, e analisemos o facto sob o aspecto civilizador que mais pode interessar à província de Angola.

Que veio fazer para aqui mais essa leva de trezentos e tal indivíduos, e em nome de que princípios e interesses os mandam para as colónias?

Porque cometeram qualquer crime que implica a respectiva pena de degração? Mas degradar homens para uma colónia penal onde não existe um trabalho oficial ou agrícola devidamente organizado, sem ao menos se procurar seleccionar os mais susceptíveis de reabilitação, é uma monstruosidade que ataca a própria sociedade—porque serve para propagar e afimar a delinquência, roubando ao indivíduo, que só acidentalmente foi criminoso, o sagrado direito que ele tem de procurar fazer a sua vida e de resgatar o seu passado!

Para entregar esses desgraçados à morte lenta ou à podridão dum presidio, não precisava o Estado de gastar tanto dinheiro e de os mandar tão longe, num cortejo sinistro e trágico que nada alegria os olhos dos que aqui lutam honestamente pela vida.

Se entre esses indivíduos alguns há, certamente, que se podem regenerar pelo trabalho, fora do ambiente doentio da masmorra, porque os não aproveita o Estado numa obra útil, inteligente e humana, muito mais digna do que antiquados sistemas penais?

Se se consideram todos esses desgraçados indignos do convívio metropolitano, como é que os vêm lançar numa colónia de primeira classe, onde abunda elemento europeu que tem direito à consideração? E essa a obra colonizadora e de civilização com que se pretende levantar as colónias?

Pode afirmar-se, sem contestação, que entre os indivíduos que desde velhos tempos para aqui vieram degradados, muitos se regeneraram totalmente, vindo a ser úteis

elementos e grandes chefes de família. Pensou alguma vez o ministério das Colónias na obra valiosa que podia realizar, de elevado alcance social, seleccionando desses indivíduos condenados e aproveitando-os como factores de trabalho e riqueza, num plano previamente elaborado?

Nada disto se fez, simplesmente porque não existe ministério das colónias! Como desprezioso comentário, não deixarei de reparar que se metam trezentos europeus, embora condenados, entre as filas negras dos soldados indígenas,—por sinal marchando orgulhosamente, garbosamente, e levando através das ruas da cidade o *branco* criminoso e humilhado. Poder-se-iam, certamente, arranjar as coisas sem esse aparato bélico, desprestigiante, perfeitamente inútil e dispensável.

Não se compreende como ainda não existe em Angola, onde já vivem cerca de 40.000 portugueses, qualquer Liga ou Instituição que visasse a defender os colonos ou emigrantes vindos de Portugal, especialmente com o fim de manter assistência e repatriação aos mais pobres, acompanhando-os em horas de crise e de qualquer contingência, prestando-lhes auxílio e informações, defendendo-os das exorbitâncias de qualquer patrão menos escrupuloso, orientando-os, previamente, com uma delegacia que poderia haver em Portugal, aparecendo nos momentos de embarque e desembarque, com uma solicitude que seria uma bela obra de solidariedade portuguesa e que seria de grande alcance prático para os portugueses que aqui vêm trabalhar.

Bastava que os 40.000 portugueses aqui residentes concorressem, em média, com a insignificante quantia de um *escudo* por mês, e que o governo da província tributasse a cerveja e os vinhos importados com a pequena taxa de 5 por cento, para se criar um fundo especial, que, anualmente, teria receita aproximada de 2.000 contos. Com tal receita já se poderia fazer uma obra útil de assistência, e até de educação—com propaganda, escolas e bibliotecas, num grande ambiente de carinho que o emigrante pobre nem sempre vem encontrar.

Angola—1926.

Juliano QUINTINHA

A Caixa Receptáculo Postal

Uma nota oficiosa da Associação de Classe do Pessoal Menor dos Correios

Com o pedido de publicação recebemos da Associação de Classe do Pessoal Menor dos Correios e Telégrafos a seguinte nota oficiosa:

«Publicando o jornal «A Tarde» uma entrevista sobre as caixas receptáculos, e atribuindo nela informações prestadas por um empregado menor na sede desta associação, a sua respectiva direcção declara que nenhum dos seus membros entrevistou ou forneceu informações a qualquer jornalista».

Lamenta, entretanto, o que se está passando com as referidas caixas receptáculos, uma das principais regalias alcançadas pela classe dos carteiros, e, no que concerne ao assunto que a imprensa tem ventilado, a Associação de Classe do Pessoal Menor dos Correios e Telégrafos deseja manter uma atitude absolutamente estranha».

CONFERÊNCIAS

Organização científica do trabalho

O sr. dr. João Camoes effectua hoje, pelas 11,30 horas, na secção da Universidade Popular Portuguesa que funciona no Sindicato dos Arsenistas do Exército, Campo de Santa Clara, 87, 1.ª e 4.ª conferência da série «Organização científica do trabalho» que é acompanhada de projecções luminosas. Na lição de hoje, tratará da aplicação do taylorismo à construção de paredes de tijolo. Em seguida há sessão cinematográfica, sendo a entrada franca.

Operários do Município

Subordinada ao tema «História da antiga Associação dos Operários Municipais» realiza hoje o antigo militante desta classe Martins Santareno, a sua anunciada palestra, sendo de esperar grande afluência de operários do Município.

Assuntos regionais

Na sede do Gremio do Minho, colectividade regionalista, realiza amanhã pelas 21 horas o sr. dr. Carneiro de Moura uma conferência pública, sobre assuntos regionais.

ARTIGOS ELECTRICOS

Novas tabelas com preços actualizados
CASA PALISSY GALVANY
Rua Serpa Pinto, 5

Exposição de trabalhos escolares

Inaugurou-se ontem na sala das comissões no edificio dos Paços do Concelho uma exposição de projectos elaborados pelos alunos dos Institutos Industriais de Lisboa, Porto e Coimbra.

IMPRESSA

«Alma Feminina»

Acabamos de receber esta revista feminista, órgão de Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas e de que é directora a médica D. Adelaide Cabete.

Neste interessante número são publicados artigos sobre amamentação artificial, educação de anormais, notícias feministas, etc.

O próximo número a sair dentro em breve tempo será dedicado a dr.ª Carolina Michaelis de Vasconcelos a illustre catedrática que há meses faleceu e que era presidente honraria do Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas.

Informações sociais

(Da Repartição Internacional do Trabalho, da Sociedade das Nações)

NA AMÉRICA DO NORTE

Influência do maquinismo sobre a mão de obra

W. Riddell, conselheiro técnico canadianense, publicou na *Revue Internationale du Travail*, um artigo sobre o desenvolvimento do maquinismo na agricultura, na América do Norte e no Canadá, e suas repercussões relacionadas com a mão de obra.

Afirma o autor que o desenvolvimento considerável da utilização das forças animal e mecânica nos últimos trinta anos permitiu uma tal economia de trabalho humano que a produção na América do Norte sobrepasa de duas a seis vezes a acusada no seu valor económico, o trabalhador agrícola recebe um bom salário e fazendo economias adquire propriedade; além disso a área cultivada e a produção total é muitíssimo importante.

No Canadá pelo recenseamento de 1921 o maquinismo agrícola tinha o valor de 665.180.146 dólares. Nos Estados Unidos em cinquenta anos, o número de máquinas multiplicou-se por treze, passando o seu valor de 270 milhões de dólares em 1870 para mais de três bilhões e meio em 1920. Naturalmente o número das empresas agrícolas também aumentou de maneira considerável. Riddell termina: «A pesar de tudo, no trabalho propriamente dito não há nada que enobreça. Trabalhar é somente um meio para um determinado fim, fim nobre e satisfatório».

Se esse fim pode ser alcançado com menos esforço, todo o trabalho dispendioso inutilmente para obter, será estéril. Tal é a convicção do Americano do Norte. Ele não vê nem virtude nem proveito no desperdício do esforço e acha que nenhum trabalho é admirável que não seja superfluo.

EM MALACA

Instrução das crianças

Sobre a instrução das crianças nos estabelecimentos do estreito de Malaca, elucida as *Informações Sociais*: «O ensino elementar é gratuito no idioma do país e obrigatório para malaios de sete a quatorze anos. Existem escolas chinesas e «tamulus» subvencionadas pelo Estado, e de frequência facultativa. Todo o patrão ocupando em suas terras, pelo menos, dez crianças de 7 a 14 anos, pode ser forçado pelo inspector escolar a construir e custear uma escola para essas crianças garantindo-se o curso dos professores. O governo também subvenciona estas escolas se pedem auxilio. Cursos nocturnos «post escola» são igualmente subvencionados pelo Estado, e frequentemente por enorme numero de jovens operários. Quasi todas as escolas inglesas e indigenas organizam cursos de formação profissional».

Horário de trabalho

Empregados no comércio

Com desusada concorrência, estando as salas e os corredores repletos, realizou-se ontem na rua da Graça, 162, 1.ª-E., a 8.ª sessão promovida pelo Sindicato dos Empregados no Comércio e Indústria.

Presidiu Jorge Campello, secretariado por Abraão Coimbra e José Pinheiro. O presidente expõe os fins destas reuniões e faz várias considerações sobre a classe. Mario Pinto cai a fundo sobre a coardia da classe que é a única culpada de não usufruir as regalias a que tem direito. Está esperando que esta situação termine porque devido à acção deste Sindicato a classe se está interessando.

António Alves ataca a invasão das mulheres no comércio que tem contribuído extraordinariamente para a grande crise que a classe sofre.

Crítica o uso das carroças de mão, qualificando-a de aviltante e vexatória. Vicente Garcia também faz considerações sobre as mulheres e as carroças de mão. Carlos da Conceição faz uma evocação da grande luta das 10 horas de trabalho e lembra ao Sindicato que assim que termine esta campanha das 8 horas, intensifique uma nova campanha sobre a situação da mulher no comércio.

António Rodrigues Pereira trata da desumanidade das carroças de mão, e muito especialmente quando são puxadas por crianças, e da exploração que os comerciantes exercem.

Manuel Maria de Sousa defende com calor o horário de trabalho e aborda o descaño semanal, citando o facto de a Câmara Municipal, devido à agitação deste Sindicato, estar já estudando a uniformização do descanso ao domingo em toda a cidade. Protesta também contra a invasão de militares no comércio.

Maximiano Barros vem trazer também a esta sessão a sua solidariedade e a sua simpatia à campanha deste organismo.

Diz que o não cumprimento do horário de trabalho cabe exclusivamente à classe que é a única culpada. Alude também ao problema da mulher no comércio que dá um contingente formidável para a prostituição; afirma que o problema das carroças de mão é um problema de ordem moral que deve ter a apoiar esta campanha da abolição o aplauso de todas as pessoas de bem.

Adelino Tavares de Sousa diz que a lei das 8 horas de trabalho não é um favor, mas sim uma conquista dos nossos antepassados.

Os patrões não têm consideração por nós e se um dia nos poderem aproveitar os ossos eles não terão dúvida em os levar para uma refinção de açúcar.

Manuel de Figueiredo historiza as «démarches» efectuadas junto do Governador Civil e outras entidades. Faz uma calorosa defesa do Sindicato e um apelo à classe para que ingresse no seu organismo profissional.

O presidente antes de encerrar a sessão agradece ao Gremio Excursionista Civil do Monte a cedência gentil da sala e diz que muito brevemente far-se-hão novas sessões, sobre outros assuntos que interessam à classe. E' em seguida aprovada uma moção na qual os empregados no comércio dão a sua solidariedade ao Sindicato. Encerrou-se a sessão no meio de grande entusiasmo, ficando lançadas as bases de uma secção.

Ecos da greve geral na Inglaterra

Os operários do porto voltam ao trabalho

LONDRES, 18.—Terminou a greve nas docas de Londres, tendo sido feito um acordo semelhante ao das companhias ferroviárias com o seu pessoal.—H.

Solucionou-se o conflito com os gráficos

LONDRES, 18.—As negociações demoradas deram em resultado um acordo provisório, pelo qual os tipógrafos de Londres e cidades da provincia retomaram o trabalho, sob a reserva da aceitação do acordo por dois sindicatos não representados nas negociações por falta de transportes.—H.

O «fausto» dos operários

LONDRES, 18.—Dois mineiros encarregados da vigilância, durante a greve, foram surpreendidos numa mina, em Glasgow, a 380 metros de profundidade, por um incêndio. Supõe-se que não estejam assustados, mas os socorros são dificultados pelo fumo espesso que se levanta.—H.

Resolução dos mineiros russos

MOSCOVO, 18.—No congresso dos mineiros soviéticos, o sr. Dogadov, secretário do conselho geral da C. G. T. russa, comunicou a decisão do conselho de transferir os 2.600.000 rublos, providos da subscrição em favor dos grevistas ingleses, para o conselho central dos mineiros russos.—H.

Prossiguem as negociações

LONDRES, 18.—Os representantes dos mineiros têm continuado a discutir vários pontos da proposta do sr. Baldwin com os representantes do governo, sendo provável que o primeiro ministro receba esta tarde o conselho executivo da Federação dos mineiros.—(L).

A imprensa volta ao seu aspecto normal

LONDRES, 18.—Todos os jornais de Londres e das provincias regressaram hoje aos seus formatos normais.

Nos seus comentários sobre os acontecimentos da semana passada, manifestam a sua admiração pela personalidade do primeiro ministro, dominando a grave crise atravessada pelo país, auxiliando as indústrias de forma a não prejudicar a economia do país.

«The Times» diz que o ponto mais importante da greve foi marcado pela rapidez com que patrões e empregados venceram as dificuldades resultantes da greve. Em nenhuma indústria foi feita a mínima tentativa para a regulamentação do regresso ao trabalho, com o aspecto de vencedores e de vencidos.—(L).

As negociações normalizam-se

LONDRES, 18.—O sr. Baldwin recebeu esta tarde o conselho executivo da federação dos mineiros, travando-se um debate geral sobre as propostas apresentadas pelo governo, durante as duas horas que durou a reunião.

Nas propostas acham-se envolvidas as mais altas questões técnicas, e o conselho executivo dos mineiros deseja estar perfeitamente habilitado a dar o seu parecer na conferência dos delegados que se realiza quinta-feira.

O conselho executivo deve reunir-se amanhã de manhã para prosseguir no seu estudo, esclarecido com o debate de hoje em Downing Street.

Os proprietários têm igualmente estudado as mesmas propostas nas suas associações distritais, considerando especialmente a fixação de novos salários e a formação da respectiva repartição, que virá assegurar um largo período de paz na indústria do carvão.

Espera-se que a reabertura das negociações entre patrões e operários possa realizar-se na quinta-feira, baseando-se esta hipótese no facto de estarem convocadas para o mesmo dia a conferência dos delegados mineiros e a da comissão central dos proprietários.

Os jornais consideram terminada a intervenção mediadora do governo logo que as partes em litigio acceitem as suas propostas, em principio, e recomencem as negociações directas.—L.

As despesas da greve

LONDRES, 18.—O número dos voluntários que se inscreveram durante a greve para substituir os grevistas nos vários serviços chegou a atingir, na metrópole, 51.000. Na Câmara dos Comuns, o sr. Churchill informou que as despesas feitas pelo governo com a greve geral são avaliadas em 750.000 libras.—P.

Contra a extradição de Paulo da Silva

Em reunião de assembleia do Sindicato dos Descarregadores de Mar e Terra da Vala do Carregado foi aprovado o envio, ao ministro da França em Portugal, dum officio protestando contra a pretendida extradição de Paulo da Silva.

Ao ministro da Justiça de França foi enviado o seguinte officio:

«A Federação da Indústria de Transportes Marítimos e Fluviais de Portugal, representante de milhares de trabalhadores marítimos seus aderentes, sintetizando o sentir desses trabalhadores, em sua reunião de comissão administrativa deliberou enviar a v. ex.ª o seu mais veemente protesto contra a extradição do trabalhador português Paulo da Silva, actualmente preso em França por suposto crime politico».

Nesta conformidade este organismo está na disposição de combater o pretendido atentado contra todo o direito de asilo estabelecido por convenção internacional, não consentindo que Paulo da Silva seja extraditado para Portugal, a pedido do governo português; tendo como base que o seu homisio nesse país é proveniente da perseguição que lhe é movida em Portugal, por delicto de ideias e por consequência com direito ao asilo que se concede em França aos refugiados politicos.

Certos estamos de que v. ex.ª usará neste caso a maxima imparcialidade, não se curvando perante o criminoso maneo do governo português, pois que o que pretende levar à pratica é nem mais nem menos do que uma monstruosa arbitrariedade».

A Semana da Criança

Sindicato Unico da Construção Civil

Prossiguiram ontem as festas da Semana da Criança promovidas pelo Sindicato Unico da Construção Civil. Realizou-se durante o dia conforme estava anunciado a visita às crianças dos hospitais.

A noite o nosso camarada Mário Domingues realizou a sua anunciada conferência sobre a «Infância de hoje, humanidade de amanhã». Dirigiu-se aos pais pedindo-lhes que preparassem a seus filhos um ambiente mais puro do que o presente. Referindo-se ao aspecto da vida degradante de hoje afirma que os exemplos altruistas dos que morrem nas barricadas e dos que trabalham nos laboratórios criam a esperança numa humanidade melhor. E' certo que não pode haver esperança de os adultos de hoje virem a gozar os frutos de uma sociedade perfeita, mas vale bem a pena o sacrificio da geração de hoje em beneficio da sociedade de amanhã—aquela que será dos nossos filhos. A Semana da Criança cria esperança na alma dos idealistas. Perante manifestações de carinho para com a infância, como esta da Semana da Criança, ele, orador, sente vontade de exclaimar, como o grande escritor moderno italiano, Guido da Verona: «A vida começa amanhã!».

Seguiu-se à conferência de Mário Domingues a recita anunciada que decorreu animadíssima.

Programa de hoje

A's 14 horas: Cantos infantis por adultos, seguindo-se uma visita ao museu Arqueológico do Carmo e Sociedade de Geografia.

A's 20 horas: Conferência pelo cultissimo camarada e critico de arte Nogueira de Brito.

Recita pelo grupo dramático Manuel Guerra que levará a scena: «O arrendimento», «Os noivos de Margarida» e um acto de variedades no qual toma parte a mimosa e gentilissima atrizinha Irene Martins que cantará «O Fado da Criança» escrito expressamente para estas festas pelo nosso camarada António Santos. Nos intervalos a Troupe Familiar Harmonia, musical Jazz-Band, tocará varias peças de concerto.

Passelos, sessões de cinema, visitas de estudo, etc.

Na escola de Carnide decorrem animadas as festas da Semana da Criança, mercedo do esforço dos professores D. Olívia Cunha e João Pires Nunes, que têm impellido as festas um cunho verdadeiramente infantil.

Hoje realizou-se na sessão de animatógrafo no salão do Colégio Militar e amanhã haverá visita à Escola Agrícola de Paia. Na sexta-feira tem lugar a exposição de trabalhos escolares e no sábado confraternização, no parque das Laranjeiras, com os pequeninos de Benfica, Sete Rios, São Sebastião da Pedreira e Campolide.

Na Associação dos Empregados de Escrição o professor Mário Pena fez ontem uma admirável conferência historiando o que é a Semana da Criança e o que ela deve ser para tornar-se eficiente e atingir o objectivo que presidiu à sua realização.

No próximo sábado tem lugar a festa de confraternização das crianças no Jardim Zoológico, jardim da Estrela, Jardim Botânico da Escola Politécnica e na Tapada da Ajuda, indo a comissão convidar o chefe do Estado para assistir à festa neste ultimo local. A distribuição das escolas por estes locais será anunciada pelo nosso jornal.

A visita aos hospitais

Os alunos da Escola do Alto do Pina e do Asilo da Ajuda, foram ontem ao Hospital Estefânia, pelas 3 horas da tarde, onde distribuíram varios brinquedos às crianças ali internadas. A distribuição assistiram os seus respectivos professores, alguns clinicos e a fiscal do Hospital D. Maria Rosario Santos.

As festas de hoje

Conferência: A's 21 horas no Centro Escolar Republicano dr. Bernardino Machado, sendo conferente a dr.ª sr. Aurora de Castro Gouveia, que dissertará sobre a influencia da educação perante as modernas teorias pedagogicas.

Cinemas: Olimpia, às 8 horas, para as escolas 1, 2, 26, 78, 79, 83, 39.

A's 11,30, para as escolas 16, 28, 29, 37, 38, 82 e Patronato da Infância.

Cinema: Condes: A's 14 e meia horas, para as escolas 14, 21, 25, 41, 43, 73 e 74.

A's 16,30, para as escolas 68, 69, 36, 24 e 67, 84 e 85.

Universidade Popular, às 10 horas, para metade dos alunos das escolas 6, 9, 15.

A's 11,30 para a restante metade dos alunos das mesmas escolas.

A's 14 horas, para a escola 11.

A's 15,30 para a escola 72.

A's 16,30, para as escolas 3 e 20 de «A Voz do Operário».

O que há amanhã

Conferência: Na Universidade Livre, às 21, sendo conferente o dr. sr. António Sérgio.

Cinemas: Central, às 15 horas, para as escolas 42, 80, 81 e 5, 7 e 8 de «A Voz do Operário».

A's 16,30 para as escolas 10, 12, 14, 19 e 1, 22 e 23 de «A Voz do Operário».

Universidade Popular, às 10 horas, para a escola 52.

A's 11,30 para as escolas 17 e 11 de «A Voz do Operário».

A's 14 horas, metade dos alunos da Escola 13.

A's 15,30, o resto dos alunos da Escola 13.

A's 16,30 para a escola 23.

Na Escola Primária n.º 23

Na Escola Primária n.º 23, a Campolide, também se tem festejado a Semana da Criança, havendo exposição dos trabalhos dos alunos, alguns d'elles bastante interessantes.

Os professores têm acompanhado as pessoas que têm ido verificar os progressos dos alunos, e têm feito preleções de caracter educativo. Hoje, o sr. dr. António de Carvalho fará uma palestra de caracter higiénico e haverá uma refeição melhorada aos 125 alunos que frequentam a Cantina e a todos os outros alunos da Escola, além de varias crianças pobres do bairro de Campolide, num total de 450 crianças. Amanhã haverá uma sessão de animatógrafo, pelas 15 horas, no Cine-Campolide, gentilmente cedido pelo seu empresario.

No sbado, passeio para fora de Lisboa.

Vida Sindical

C. G. T.

Comissão administrativa

Reúne hoje pelas 21 horas a comissão administrativa da C. G. T. para apreciar um assunto de resolução inadiável.

Secretariado Nacional de Assistência Jurídica e de Solidariedade

Para apreciar assuntos ultimamente recebidos de organismos da provincia e que demandam resolução urgente, reúne hoje o S. N. A. J. e S., pelas 20 horas.

Secção de Federações

Reúne amanhã pelas 21 horas a secção de Federações para tratar da crise de trabalho e outros assuntos.

COMUNICAÇÕES

Sindicato Metalúrgico.—Secção do Alto do Pina.—Reúniu a comissão reorganizadora desta secção que ficou assim constituída: secretario, correspondente, Acácio Ferreira; administrativo, João Coelho; arquivista, Raúl Soares; tesoureiro, Adelino Ferreira; vogais, Bernardino Santana e Jacinto Feres. Apreciou vario expediente e tomou resoluções internas de caracter administrativo, resolvendo editar um manifesto aos metalúrgicos da área a fim de elles acorrerem ao seu sindicato. Mais resolveu que esteja na sede todos os dias um camarada que, das 20 às 23 horas, preste todos os esclarecimentos a quem d'elles precisar, reunindo novamente na sexta feira, pelas 20 e meia horas.

Pintores da Construção Naval e Anexos.—A direcção previne os associados que estão em atraso de cotas a satisfazer o debito no prazo de 30 dias, sob pena de serem eliminados de socios.

CONVOCAÇÕES

REUNEM-SE HOJE

S. U. Mobilitário.—A comissão administrativa, pelas 21 horas, para assunto urgente.

Federação Metalúrgica.—Pelas